VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NATURALISTA NAS TEORIAS CRIMINOLÓGICAS DE JOSÉ INGENIEROS

Ruth Cavalcante*

O objetivo deste trabalho é analisar como José Ingenieros se fundamentou na novela *Hacia la Justicia*, de Franscisco Sacardi, para demonstrar ao público leitor algumas concepções que ele estava desenvolvendo em seus estudos sobre criminologia. Em sua obra *Multidões místicas e delinquentes*, Ingenieros se propôs a fazer uma reflexão da psicologia dos personagens da ficção de Sacardi para descrever os tipos característicos de agitadores de multidão. Ou seja, os protagonistas de *Hacia la Justicia* se transformaram numa referência simbólica da analise psicológica dos delinquentes. É válido ressaltar que em *Multidões místicas e delinquentes* existe a reflexão sobre vários personagens, contudo, este estudo irá ater-se à reflexão dos personagens *Germano* e *Goga*, pois eles representam uma síntese psicológica dos marginais agitadores de multidão.

Sacardi e Ingenieros eram contemporâneos e, para melhores esclarecimentos, é relevante discorrer brevemente sobre o contexto em que estes intelectuais elaboraram as suas obras. Entre o final do século XIX e o começo do século XX, a Argentina recebeu milhões de imigrantes europeus. O acelerado crescimento demográfico provocado pelo elevado número de estrangeiros, sobretudo em Buenos Aires, desencadeou uma série de

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos. Bolsista CAPES.

"desajustes estruturais" no país. Houve um desequilíbrio entre as "forças produtivas" e a mão de obra que se tornava cada vez mais abundante e, por esta razão, não havia trabalho para todos e a desocupação do imigrante acabou elevando os índices do desemprego e mendicância na capital. A elevada concentração populacional em Buenos Aires ampliou situações definidas como problemas sociais, como a marginalidade, o alcoolismo, a falta de habitações, a vadiagem etc. Pablo Von Stecher (2014) aponta que, neste cenário de caos social-urbano, os estudos da Medicina e Criminologia, alicerçados em concepções darwinistas e positivistas, passaram a perceber o imigrante desempregado como uma ameaça à ordem pública. Por sua vez, Camila Grejo (2009) argumenta que a elite política acreditava que os alarmantes índices de criminalidade indicavam que a sociedade argentina estava prestes a entrar em colapso e que o Estado precisava tomar providências necessárias para "por ordem" na nação.

Também, René Morales (2011) aponta que neste mesmo contexto emergiram na Argentina uma gama de movimentos trabalhistas que exigiam melhores salários e redução na jornada de trabalho. A doutrina anarquista exerceu grande influência sobre os movimentos sindicalistas que recorreram a ataques, sabotagens e boicotes para reivindicar melhores condições de trabalho. Contudo, essas manifestações nas vias públicas se transformavam num verdadeiro cenário de guerra, uma vez que os trabalhadores eram reprimidos de forma truculenta tanto pelo Estado quanto pelos patrões.

Foi neste cenário caótico que Sacardi desenvolveu a sua obra. De acordo com Ansolabehere, (2005) no ano de 1894 o médico argentino Francisco Sacardi lançou em Buenos Aires a novela *Libro Extraño*. *Hacia la Justicia* é o quinto e último volume desta novela e foi publicado em 1902. Tal obra é classificada como Literatura Naturalista, uma vez que em sua narrativa Sacardi construiu personagens que estavam condicionados às suas características biológicas (fatores hereditários) e também estavam condicionados às circunstâncias do meio social ao qual elas estavam inseridas. Os temas abordados em sua novela eram bastante comuns à literatura naturalista, que geralmente voltava suas atenções para a reflexão dos desejos humanos, instintos, loucura, violência, miséria, exploração social, etc.

As ficções naturalistas eram produzidas na Argentina, sobretudo, por médicos-escritores que incorporavam aos seus textos o seu conhecimento médico-criminológico. Segundo Ansolabehere, *Libro Extraño* representa bem a aliança que se formou entre a

antropologia criminal e o Estado, pois a antropologia criminal, apelando para o seu status científico justificou uma série de procedimentos coercitivos que validavam o rigor repressivo do Estado. Nesse sentido, a narrativa ficcional de Sacardi pode ser enquadrada como um exemplo de produção literária que legitimava a repressão estatal e o processo de criminalização do anarquismo.

Um tema muito presente em *Hacia la Justicia* é o assunto "multidão urbana". Na obra de Sacardi a multidão, que é apresentada como um corpo coletivo, se transformou em um personagem literário. Essa multidão era composta era por seres socialmente estigmatizados como os criminosos e as mulheres - retratadas como histéricas - que eram movidos por impulsos e instintos e não pela razão. Os termos que Sacardi usou para descrever a multidão eram "turba", "horda" e "tumulto", que representava simbolicamente a enfermidade e morte do "corpo" da nação.

> En Hacia la Justicia se pretende hacer un examen y um diagnóstico de la sociedad argentina de fin de siglo entendida como *cuerpo*. Es un cuerpo social amenazado por la enfermidad. En esse sentido la novela aparece como él género más adecuado para mostrar el verdadero carácter de esa enfermidad y también el camino de la cura y la prevención. La estratégia de Sacardi para plasmar narrativamente este asunte consiste en poner en acción ciertos personajes que condensan esquemáticamente los rasgos de los agentes que amenazan con destruir el cuerpo social, pero también a aquellos que pueden funcionar como sus anticuerpos. (ANSOLABEHERE, 2005, p 545).

Enfim, pode-se afirmar que Ingenieros se identificou muito com *Hacia la Justicia* e escreveu *Multidões místicas e delinquentes* utilizando os personagens de Sacardi para exemplificar as suas teorias no âmbito da criminologia. Ingenieros foi um médico-criminólogo que atuou em várias instituições governamentais, tendo se formado no curso de medicina especializando-se na área da patologia mental e psiquiatria no ano de 1900. Foi chefe da Clínica de Observação de Alienados da Polícia de Buenos Aires e também diretor dos Arquivos de Criminologia, Medicina Legal e Psiquiatria. Ainda dirigiu o Instituto de Criminologia da Penitenciária Nacional.

Na obra de Sacardi aparecem três perfis de multidão, a anarquista, a mística (católica) e a política (socialista) que Ingenieros se propõe a analisar. Este trabalho irá refletir especificamente a respeito da multidão anarquista e sobre o perfil psicológico dos seus líderes, os personagens Germano e Goga. Irá também analisar o perfil psicológico que o Ingenieros atribuiu à multidão, caracterizando-a como uma massa humana não

organizada que, sob a liderança de Germano e Goga, se tornou rebelde e se lançou ao crime com absoluta inconsciência dos atos que realizava.

Ingenieros afirmou que a novela de Sacardi, além de ser uma crítica à sociedade contemporânea, também buscava descrever os tipos característicos de agitadores de multidões em situações de conflito social. Segundo a análise ingenieriana, os protagonistas do texto eram apresentados como "indivíduos" que transferiam as suas virtudes e seus vícios para os seus descendentes e, sendo assim, Germano e Goga eram descendentes morais dos seus predecessores, pois Ingenieros defendia que os filhos sempre têm algo que foi do pai. Logo, pode-se dizer que o intelectual acreditava que as características psicológicas dos indivíduos eram herdadas pela hereditariedade psicológica. Observe como Ingenieros associou a delinquência de Germano à sua hereditariedade:

> Seu pai é Valverde, sujeito sem senso moral, que vive resvalando a cada passo pelo pântano de todos os delitos. Sua mãe? Mistério. O terrorista (Germano) deveria ser filho de um amor ilegal, sinão um capricho fugaz, em alguma orgia de prostíbulo. [...] Germano não tem sentimentos de solidariedade social, e engendra um anarquismo que não é piedade pelo humilde, sinão rancor contra o poderoso; que não é lamento e sim alarido, precursor de uma derrubada apocalíptica (INGENIEIROS, s/d, p. 20 - 21).

Oscar Terán (2008) afirma que, para esse psiquiatra-criminalista, a anomalia psíquica do indivíduo se convertia em causa determinante da sua atividade antissocial, isto é, o delinquente era produto do seu funcionamento psíquico anormal e da sua hereditariedade psicológica. No caso de Germano, a sua hereditariedade somada à inferioridade do meio social no qual cresceu fizeram com que ele não tivesse sentimentos de solidariedade social. Germano foi analisado como um indivíduo que era resultante da sua hereditariedade psicológica, das sugestões que recebia do meio que ele habitava e da sua falta de educação moral. Ou seja, ele era um desequilibrado e homicida porque sua hereditariedade se somava à miséria e a inferioridade mental. Observe o meio em que Germano viveu:

> Inverno. Com o frio vieram a miséria e a desolação ao subúrbio, onde se agitam os corações sob o farrapo. Sobrevém a inundação que tudo arrasa, até que os operários fogem de suas choças, numa noite de trágica samblagem. E, enquanto a plebe emigra, rumo à desesperança, deixando atrás de si a catástrofe, resoa, nas trevas, a voz profética e ameaçadora de Germano, que chama para a rebelião, grita a vingança do pobre contra o rico, derramando a semente do extermínio. Um

> relâmpago a interrompe, e vê-se brilhar, nas mãos de Germano, um tudo de bronze, quando faz o gesto de o lançar em meio ao tropel, e muitos retrocedem em fuga, precipitadamente. É uma bomba de dinamite. (INGENIEROS, s/d, 20).

O anarquismo de Germano não era visto por Ingenieros como uma ideologia de piedade pelo humilde, mas sim de rancor contra o poderoso. O personagem se relacionou afetivamente com a prostituta Goga e, unidos, eles propagaram sua rebeldia a sua vontade de destruição. Observe como Ingenieros descreve a união desses personagens:

> Goga é a flor do pântano, corola estranha que aninha pólen de paixão e de loucura, Germano a conhece por casualidade. Ela regressa de alguma orgia, ou se levanta do leito em que emprestara a sua beleza emurchecida. Um indigno, o seu primeiro sedutor, pretende que ela o siga, violentando-a. Germano, que observa, da janela em que esta ruminando seu pessimismo, se indigna, clama, defende-a com o gesto e com o grito. Goga libertada do seu verdugo dirige-lhe os olhos úmidos, de inenarrável doçura, e diz, com sua voz de sibila: - "Agradeço-te. Tivestes lastima deste pobre farrapo". Germano Valverde tinha que sentir-se violentamente seduzido por aquela lama formosa de mulher; atração inevitável entre os espíritos cheios de febre pelo sofrimento e pelo rancor. Como aço e ímã, aproximam-se e se juntam. Esta verdade que os psicólogos-artistas presumiram foi sancionada pela ciência, inspirando a noção da "parceria delinquente", que tão lindas páginas mereceu de Sighle, de Tarde e de outros. Mas em Germano e em Goga, há mais, se possível; não vão ao delito por sugestão um do outro, mas por multiplicação recíproca de suas paixões no roçar constante de seus desequilíbrios. (INGENIEROS, s/d, 24-25).

Goga torna-se anarquista para seguir Germano e os dois começam a fazer uma propaganda perturbando as consciências e rebelando os corações. Goga é retratada por Ingenieros como uma histérica que não era firme nem nos defeitos e nem nas virtudes. Ela era então a líder da ala feminina da multidão. "Do pântano da sensualidade, levanta-a de novo até a fogueira da Revolução. Reaparece a frente de moças em greve, pobres vítimas esqueléticas e anêmicas, lentamente assassinadas na oficina escura e sem oxigênio". (INGENIEROS, s/d, p. 27). As mulheres que faziam parte desta multidão chefiada por Goga foram descritas como uma turba em desordem e com clamores de tumulto, sendo histéricas e enfermas de nicotina. Observe como o intelectual retrata a ala feminina da multidão:

> Goga sintetiza a alma da multidão feminina, que, nas horas de violência, sobrepuja a ferocidade do homem, como Ferrero e Lombroso salientaram, como assinalou Sighele, como Zola pintou as mulheres da multidão em "Germinal". Ébria de sugestão, fustigada por sua vida de precipício, torna-se líder da turba rebelde e canta estrofes, enquanto os

> sectários de Germano se batem com os soldados, até que uma algazarra de blasfêmias e de gritos saúda o seu último verso. (INGENIEROS, s/d, 27-28).

Segundo Ingenieros essa multidão era liderada por "maus pastores" - Germano e Goga - que eram dois delinquentes que professavam um anarquismo vulgar. Assim, a "turba" era guiada por Germano, um desequilibrado hereditário que, em suas leituras dos ideólogos anarquistas, encontrou terreno propício para deixar florescer a sua rebeldia. Também era guiada por Goga, uma histérica de personalidade volúvel e influenciável, pois só tornou-se anarquista para seguir Germano. Estes dois "decaídos" lançaram então a semente da rebelião e lideraram a "turba anarquista" que, em suas manifestações, estava exterminando a ordem. "A multidão segue Germano, ansiosa por entoar a seu canto sinistro. Goga faz ouvir o seu hino sensual e rebelde. E essa marcha da multidão, esse desfile do furor coletivo, evoca hostes vandálicas, os grandes arrasamentos de Átila e o furor de suas turbas exterminadoras" (INGENIEROS, s/d, p. 44). Veja como o intelectual descreve o caos que as multidões causavam quando eram guiadas por "maus pastores":

> Todas as portas estão fechadas; todas as janelas estão fechadas. Há, na rua, entre as sombras da noite o terror da estepa solitária, por onde passam aqueles da terra baixa. Tristes, malditos, arrebatados pela sombria demência! E Germano sempre na frente, gigantesco e lívido como se caminhassem com ele os bandoleiros de todos os cárceres, as sentinas e os chiqueiros que acariciam e ocultam os vícios, e as degenerescências da ralé humana. (INGENIEROS, s/d, 49).

Pode-se afirmar que por mais que, o intelectual tivesse consciência da situação problemática que os operários, os desempregados, as prostitutas etc. enfrentavam, ele não apoiava as manifestações das massas quando elas reivindicam de forma tão violenta por melhores condições de vida. Sua análise despolitiza e criminaliza a ação da multidão ao afirmar que ela seguia a "maus pastores" - os anarquistas. Na sua concepção as ações da "turba anarquista" levariam inevitavelmente ao extermínio de toda a ordem social, uma vez que os pobres só sabiam recorrer à blasfêmia, ao sarcasmo e a greve como forma de protesto. Por esta razão, ele legitimava as autoridades quando elas perseguiram as lideranças anarquistas, pois acreditava que essa "multidão anarquista" tinha uma grande propensão para delinquir, visto que essa turba não passava de uma massa irracional que maximizava a desordem, o caos e a violência urbana. Pode-se perceber que Ingenieros desprezava o engajamento social e político da multidão quando ela partia rumo às ruas para protestar contra as suas péssimas condições de vida e de trabalho, uma vez que o

intelectual incessantemente afirmava que a multidão não passava de uma turba exterminadora que maximizava a desordem e o caos. Por isso, ele se posicionava a favor do Estado quando este dispersava os manifestantes e restabelecia a ordem social. Ele defendia que os problemas sociais não seriam solucionados com manifestações tumultuárias nas vias públicas, mas sim na medida em que as sociedades humanas evoluíssem e desenvolvessem as técnicas produtivas para elevar o bem-estar dos indivíduos na sociedade. Para Ingenieros, o desenvolvimento contínuo das "forças produtivas" solucionaria em longo prazo os problemas sociais:

> Esse aperfeiçoamento é o que conduz a socialização das forças produtivas, eliminando a exploração dos que trabalham em benefício dos que açambarcam; mas essa reforma básica do regime econômico não pode ser efetuada sem resistências surgindo destas as manifestações tumultuarias que caracterizam as lutas sociais contemporâneas. (INGENIEROS, s/d, 60).

Ingenieros defendia que as manifestações populares eram ineficazes, pois não atingiam os fatores que causavam a desigualdade social. A solução para esses conflitos sociais se daria em longo prazo, quando as sociedades de modelo capitalista evoluíssem para formas de organização em que desenvolvimento técnico da produção traria transformações econômicas que assegurariam aos que trabalham o direito a uma vida mais culta e sadia, pois para ele, o futuro indicava que haveria uma socialização dos meios de produção que permitiria uma maior solidariedade social entre os homens.

Também, por acreditar que o ambiente social e a personalidade dos criminosos eram fatores que predispunham ao delito, Ingenieros defendia a tese de que prevenir o crime é mais importante que tão somente reprimi-lo. Por isso, ele argumentava que existia uma grande necessidade de reformas sociais a fim de melhorar a condições materiais e morais das classes menos favorecidas, visto que a miséria e a falta de educação eram fatores que intensificavam a criminalidade.

Enfim, como Terán bem destaca, os setores dirigentes da Argentina demonstravam preocupação com a aparição das multidões urbanas no cenário público e político. É válido ressaltar que esta multidão não se assemelha às tradicionais massas rurais participantes das guerras do século XIX. As massas que preocupavam as classes dirigentes eram as multidões urbanas compostas de trabalhadores e imigrantes. Nesse sentido, Terán argumenta que as elites políticas construíram *"una representación de la relación entre massas y elites*" (TERÁN, 2008, p. 129). E se passou a dizer que as massas

oferecem um risco à boa governabilidade devido a sua inconstância e força bárbara. Por isso, elas deveriam ser guiadas pela minoria dirigente, única capaz de orientar uma vontade coletiva.

José Ingenieros foi um intelectual que colaborou com a construção deste discurso e seus escritos legitimavam a dominação de uma elite dirigente definida com racional, consciente e autônoma, sobre as massas que eram representadas como um corpo coletivo irracional, selvagem e sem personalidade. Enfim, ele pouco questionava os parâmetros de racionalidade da ordem vigente e excluía de seu discurso o conteúdo político do comportamento desviante, garantindo dessa forma a preservação da ordem social constituída.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSOLABEHERE, Pablo. El hombre anaquista delincuente. *Revista Iberoamericana*. Vol. LXXI, nº 201, 2005, p. 539-553.

GREJO, Camila Bueno. *Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros*: Entre o científico e o político. Pensamento racial e identidade nacional na Argentina. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2009.

INGENIEROS, José. *Multidões místicas e delinquentes*. Buenos Aires: Edições América Latina, s/d.

MORALES, René. De las calles a las leyes: Estudio comparativo de las causas y modos de la emergencia de las legislaciones laborales de Argentina, Brasil y Uruguay. *Seminario Estudios de la República.* Disponível em: < http://www.estudiosdelarepublica.cl/plugins/news/images/13_renoel_real__de_las_calles_a_las_leyes_pdf.pdf>. Acesso em 23 jun 2011.

STECHER, Pablo Von. La simulación como estratégia en la lucha por la vida: el discurso de los políticos y criminólogos argentinos entre 1900 y 1910. *Discurso, teoría y analisis*, nº 30, 2010, p. 11-35. Disponível em: < http://www.discoursescience.info/wp-content/uploads/01stecher.pdf>. Acesso em: 21 fev 2014.

TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas em la Argentina*: diez lecciones iniciales, 1810 - 1980. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.